

As oligarquias culturais e os palhaços da burguesia

Marcus Cortez¹ (escritor)

Estudos Universitários foi uma revista que não ficou botando banca. O objetivo dos seus editores era fazer uma boa revista de cultura e nada mais do que isso. Sua fórmula consistia numa linha programática bastante definida e num projeto gráfico que primou por entendê-la como um todo. Do número um ao cinco – 1962/1963 – a diagramação da capa e o miolo se caracterizaram por uma unidade que lhe permite ser moderna após tantos anos. Os cubos e as letras no espaço em branco da capa, variando de cor a cada edição, tem a marca do bom design. Outro seu grande mérito foi a diversidade – tão em moda hoje em dia. Porém, vamos deixar para depois o porque dessa atualidade... À primeira vista, numa passada pelos sumários das suas cinco edições, o leitor se impressionará com o espaço ocupado por ensaístas e colaboradores que não tinham nada a ver com a linha editorial

da publicação, gente que acendia velas para verdades extremamente subjetivas e ingênuas.

Apesar disso, Estudos Universitários foi alvo de muitas críticas. Uma delas era que a redação falava demais em alfabetização e educação de adultos. Na época, a Rádio Universidade do Recife, dirigida pelo poeta José Lauro de Melo também entrou na roda por conta do seu bordão publicitário: “Rádio Universidade do Recife, a serviço da democratização da cultura”. Sem dúvida, uma crítica preconceituosa e equivocada porque o país se encontrava mobilizado para erradicar o analfabetismo: vivíamos a euforia do PNA, Plano Nacional de Alfabetização, obra do Presidente João Goulart, cujo objetivo era criar vinte mil círculos de cultura para atingir dois milhões de brasileiros com a implantação do método Paulo Freire. No mais, à sua maneira, a

¹ Endereço eletrônico: marciuscortez@hotmail.com

revista abria seu leque para economia, pedagogia, arte, cinema, atualidades (Angola, Cuba), filosofia (destaque para artigos sobre o Marxismo), antropologia, história, ciências exatas, medicina social, religião, crítica de cultura, ciência política e é bom lembrar que, de repente, no meio dos ensaios, estudos e resenhas, aparecia um verso inteiro de algum poeta contemporâneo (o primeiro número nos trouxe “A Teoria do Ócio”, - já naquele tempo - , de Sebastião Uchoa Leite). Muito bem, a essa altura, você deve estar se perguntando “o que houve para uma publicação assim não passar dos cinco números?” Ou indagando de outro modo, “qual a razão da prisão, inquérito e perseguição ao seu editor, o crítico literário Luiz Costa Lima?”. Penso eu que foi algo mais além de uma idiossincrasia golpista, pois tem mais jeito de haver sido coisa orquestrada pela ditadura, que nunca se importou se ia sujar o seu nome promovendo a censura e empastelando ideias.

Num aspecto Estudos Universitários se diferencia da maioria das revistas de cultura produzidas no Brasil, no passado e no presente. Hoje quando vejo algumas dessas revistas pseudo-culturais (Piauí, Cult), ponho-me a rir porque elas caíram naquilo que logo de cara, a Estudos Universitários descartou. Como já disse, o primado substancial da publicação editada por Luiz Costa Lima baseava-se numa concepção realista de cultura. O que não vem a ser o caso das citadas revistocas que optaram

por se retirar de uma vivência e um tempo comunitário e, consequentemente, de uma inserção em profundidade nesta vivência e neste tempo comunitário.

A verdade principal desse meu pequeno depoimento começa a aparecer. Fazer uma revista que não seja alienada, em nosso país, é impossível. Há duas pedras no caminho de qualquer publicação que pretenda ser independente e corajosa: o clientelismo, também conhecido como brodagem, e o monopólio. Nosso mercado editorial, por exemplo, congrega distribuidores, livrarias, editoras privadas, editoras universitárias e entidades institucionais como a Câmara Brasileira do Livro, a Academia Brasileira de Letras, que praticam de maneira selvagem uma política chapa branca e mafiosa. Quanto ao monopólio, vamos a um número: apenas sete famílias ligadas a grupos políticos dominam as grandes redes de comunicação no Brasil, que geram 85% das informações veiculadas no país. O monopólio é uma forma sofisticada de censura. Enquanto ele perdurar, perdurará o xodó da sociedade de consumo: a homogeneização das consciências, a qual cresce na proporção da homogeneização dos produtos de consumo de massa. O choque de elementos dramáticos antagônicos que tão útil seria para implodir a pasmaceira artístico-cultural tomou chá de sumiço. Atualmente, a saída para muitos dos nossos escritores e poetas é alinharem-se e submeterem-se ao conteúdo do monopólio. Não os censuro: Oswald de Andrade já

tinha percebido o mal que isso faria à cultura brasileira.

Foi a faca afiada do cozinheiro de almas que cunhou o termo palhaços da burguesia.

Talvez por masoquismo, ou seja lá porque, a nossa obsessão seja gostar de pensar o mundo, justo esse mundo que resiste ao pensamento. Ou em outras palavras, somos movidos por nossas contradições. Possivelmente, por conta de tudo isso, o cordão dos insubmissos navegantes cada dia aumenta mais, apesar da dureza que é fazer emergir das profundezas a noite móvel que nos habita.

Se você quiser quebrar a cara, tente ficar colado a uma proposta de visão de uma cultura realista, situada. É difícil admitir, mas as oligarquias culturais permanecem com a faca e o queijo na mão. O Golpe, o Pós-golpe e o arremedo dessa democracia que impera entre nós impossibilitou a sedimentação de uma mente crítica que gerasse uma pressão comunitária contra intelectuais ingênuos e não situados. E para piorar as coisas, experiências como a da revista Estudos Universitários tombam pelo caminho. Certamente, se ela não tivesse sido fechada o seu exemplo haveria se multiplicado. Com isso, o país não teria perdido tanto tempo e o extermínio que nos ronda seria mais suportável.